

CAMINHOS PARA SUPERAR A CRISE ⁽¹⁾

Gilmar Gusmão Dadalto ⁽²⁾

O café representa, historicamente, em termos econômicos e sociais, a principal atividade agrícola, sendo indutor do processo de colonização e da formação geoeconômica do Estado do Espírito Santo. Hoje este Estado é o segundo produtor nacional de café e o primeiro em café conilon.

Apesar de vários percalços inerentes às intervenções de políticas públicas e às flutuações cíclicas de preços internacionais, o café continua absoluto na ocupação do solo no conjunto das lavouras, na geração de renda e emprego, e determinando a dinâmica econômica da maioria dos municípios do Estado.

Independentemente da polêmica sobre a amplitude de oscilação do preço futuro do café, a realidade atual nos mostra que já iniciamos um novo ciclo de preços baixos, com cenários prospectivos pouco animadores. Obviamente ninguém tem “bola de cristal” para adivinhar exatamente quais serão os preços no futuro nem quanto tempo durará esse ciclo. Esse produto sofre influência em escala mundial de vários fatores, especialmente dos fenômenos naturais. Assim, a oscilação dos preços do café possui forte dinamismo.

Fazendo uma retrospectiva dos preços do café, no Estado, nos últimos 15 anos, verifica-se que o menor e o maior preço pago para o café conilon ao produtor foi respectivamente, cerca de U\$25/saca e U\$75/saca, uma diferença, portanto, de três vezes. Observa-se também que o último ciclo de preços relativamente elevados, de 1994 a 2000, foi um dos mais longos nesse período, o que foi suficiente para aumentar drasticamente a área plantada, especialmente de café conilon. O cafeicultor mais antigo, apesar de ter convivido com vários ciclos de preço dessa cultura, ainda sofre um forte impacto nesses períodos de preços baixos, tomando medidas nem sempre desejáveis como a redução drástica da adubação e outros tratamentos na lavoura, que apesar de reduzir custos, proporcionam, muitas vezes, redução ainda maior na produtividade e qualidade do produto.

Se temos pouca influência local na mudança do preço do café, por ser um fenômeno de escala global, temos que trabalhar em elos da cadeia de produção onde todos os atores têm que contribuir no sentido de criar um programa de sobrevivência emergencial que reduza o impacto negativo advindo dos baixos preços desse produto.

A título de contribuição, sugerimos algumas ações: redução da carga tributária (ICMS) do café de circulação interna (não exportado) que atualmente é de 7%; redução do custo de alguns insumos básicos de repercussão na produtividade como a calcário, principalmente através de programa de subsídio ao transporte, ou de troca-troca pelo equivalente em produto agrícola, etc; assistência técnica mais intensiva e direcionada visando a orientar o produtor na utilização de práticas simples de aumento da produtividade e aproveitar esse período para renovar a café; intensificar campanhas de promoção do café, especialmente os cafés especiais, tipo expresso e “gourmet”, visando ao aumento do consumo; aquisição de equipamentos e máquinas, para melhoria da produtividade e qualidade do café, de forma comunitária, em parceria financeira entre Estado, município, produtor rural e iniciativa privada; financiamento da produção e comercialização do café com base na equivalência produto.

Existem também alguns conceitos, como a diversificação de culturas, amplamente difundidos, mas que somente são lembrados, nesses períodos de crise do café. É bom lembrar um velho ditado que diz “*não se deve guardar todos os ovos no mesmo cesto*”. A diversificação reduz o grau de risco e a instabilidade na propriedade rural.

Finalmente, cabe a sugestão de que qualquer iniciativa que suavize os impactos dos baixos preços do café sobre a renda dos produtores, certamente será muito pouco quando comparado com os custos das políticas compensatórias e de ação social continuada nas periferias urbanas das metrópoles, transformadas em “lixões” da indigência, da pobreza e da desigualdade, que a cada crise econômica (ou mesmo cafeeira) se expande vigorosamente em todo o país.

⁽¹⁾Publicado em A Gazeta, Vitória/ES, 25/03/2001.

⁽²⁾ Eng. Agrônomo do Incaper e Presidente da Sociedade Espiritossantense de Engenheiros Agrônomos.